

## Artigo Original

# CONCEPÇÕES SOBRE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

## CONCEPTS ABOUT SELF-MEDICATION AMONG NURSING PROFESSIONALS

Jackcelly Machado<sup>1</sup>, Claudinei Mesquita da Silva<sup>1</sup>, Leyde Daiane de Peder<sup>1</sup>

1. Curso de Farmácia, Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, Cascavel – PR, Brasil.

### RESUMO

**Introdução:** a automedicação é uma prática habitual realizada pela população e por alguns profissionais da saúde, como os de enfermagem, os quais possuem conhecimento e acesso facilitados aos medicamentos. **Objetivos:** determinar a prevalência de automedicação em profissionais de enfermagem, bem como, avaliar o perfil epidemiológico destes profissionais e os fatores associados à automedicação entre os mesmos. **Métodos:** estudo transversal, de caráter descritivo e quantitativo realizado por meio da aplicação de questionários pré-determinados para profissionais da enfermagem atuantes em estabelecimentos público e privado. **Resultados:** observou-se que 36% dos Técnicos de Enfermagem e 30% dos Enfermeiros utilizam a prática da automedicação, sendo que o analgésico foi a classe medicamentosa mais utilizada (58,72%) para combater sinais e sintomas decorrentes da carga de trabalho excessiva. 50% dos entrevistados atribuem a prática de automedicação à falta de tempo da ir a uma consulta. **Conclusão:** a automedicação entre profissionais da enfermagem é bastante elevada devido à sua experiência profissional e a prática diária em estabelecimentos de saúde.

**Palavras-chave:** enfermeiros; jornada de trabalho; automedicação.

### ABSTRACT

**Introduction:** self-medication is a common practice performed by the population and by some health professionals, such as nurses, who have easy knowledge and access to medicines. **Objectives:** to determine the prevalence of self-medication in nursing professionals, as well as to evaluate the epidemiological profile of these professionals and the factors associated with self-medication. **Methods:** cross-sectional, descriptive, and quantitative study carried out through the application of predetermined questionnaires for nursing professionals working in public and private sites. **Results:** it was observed that 36% of Nursing Technicians and 30% of Nurses do self-medication, and the analgesic was the most used medication class (58.72%) to combat signs and symptoms resulting from excessive workload. 50% of respondents attribute the practice of self-medication to the lack of time to go to a medical appointment. **Conclusion:** self-medication among nursing professionals is quite high due to their professional experience and daily practice in health facilities.

**Keywords:** nurse; work hours; self-medication

**Contato:** Leyde Daiane de Peder, e-mail: [leydepeder@yahoo.com.br](mailto:leydepeder@yahoo.com.br)

Enviado:	Jan/2020
Revisado:	Abr/2020
Aceito:	Mai/2020

### INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é a seleção e uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças sem o aconselhamento de um profissional de saúde qualificado para determinada função, compreendendo uma etapa do autocuidado<sup>(1)</sup>. Vários fatores podem favorecer o uso de medicamentos sem prescrição, dentre elas: experiência com o sintoma ou doença, venda indiscriminada de medicamentos, fácil acesso aos profissionais que atuam na área da saúde, crença, recursos financeiros limitados, indisponibilidade de tempo para buscar auxílio, entre outros<sup>(2)</sup>. A propaganda sobre medicamentos é um dos fatores que transmitem uma visão inofensiva do produto para o

público leigo, o que mascara os riscos que podem ocasionar à saúde, se não utilizados adequadamente<sup>(3)</sup>.

A automedicação racional pode trazer economia nos recursos em casos de tratamento para as enfermidades menores, bem como reduzir ausências no trabalho devido aos pequenos sintomas. Embora os medicamentos sejam importantes no tratamento das doenças, sendo responsáveis pela melhora da qualidade de vida da população, seu uso indiscriminado pode acarretar riscos à saúde<sup>(4)</sup>.

A utilização inadequada de medicamentos pode acarretar diversas consequências danosas ao indivíduo como: diagnóstico incorreto devido ao mascaramento dos sintomas, escolha do

medicamento com dosagem inadequada sendo este utilizado a curto ou longo prazo, o que possibilita a ocorrência de efeitos indesejáveis, intoxicações, reações alérgicas, etc.<sup>(5)</sup>.

Os trabalhadores da enfermagem, em sua prática diária, manuseiam vários medicamentos, o que favorece para a auto prescrição e automedicação. Sua jornada de trabalho é complexa e enfrentam dificuldades em relação à condução da vida, sendo este um tema que deveria ser abordado nas instituições de ensino e nos estabelecimentos de saúde como estratégia para melhoria de vida profissional<sup>(3)</sup>. Tem sido relatado entre esses trabalhadores diversos sintomas de dores em membros inferiores, estresse, mudança de humor, varizes, transtorno do sono, dores nas costas e dores de cabeça, relacionados ao estresse laboral por lidarem constantemente com o sofrimento humano e sendo desgastante sua jornada de trabalho<sup>(6)</sup>. No entanto, verifica-se que, nem sempre, a automedicação está relacionada direta ou exclusivamente à presença de patologias, mas sim devido ao fácil acesso, o que levaria ao consumo desnecessário de medicamentos<sup>(1)</sup>.

Estudo realizado com 160 Enfermeiros que atuam na rede hospitalar, em Rio Branco - Acre, mostrou que 68,3% consideram que seu trabalho oferece risco à saúde e já se automedicaram com analgésicos<sup>(7)</sup>. Outra investigação sobre a prevalência de automedicação entre trabalhadores da enfermagem que abrangeu 1509 pessoas, mostrou que 24,2% desses já se automedicaram, sendo que para 43,4% o analgésico foi o medicamento mais utilizado<sup>(8)</sup>.

O consumo de medicamentos aumenta, dependendo da jornada de trabalho do profissional, ou seja, o indivíduo que possui dupla ou tripla jornada apresenta uma maior prevalência de automedicação, provavelmente devido ao desgaste emocional e mental pelo esforço e dedicação ao paciente<sup>(3)</sup>. Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo contribuir com a pesquisa na área da automedicação entre profissionais da enfermagem, determinando a prevalência desta prática, os medicamentos mais utilizados entre Técnicos de Enfermagem e Enfermeiros, a frequência de seu uso e os riscos que estes sofrem ao se automedicar.

## METODOLOGIA

Pesquisa de corte transversal, de caráter descritivo e quantitativo, realizada por meio da aplicação de questionários pré-definidos para profissionais da enfermagem (Enfermeiros e Técnicos de Enfermagem) atuantes em um estabelecimento público e em um estabelecimento privado, durante o

mês de julho de 2019. O trabalho foi realizado em Nova Aurora – Paraná (PR) que está localizado na região oeste do estado. Segundo informações do IBGE, no ano de 2019, a estimativa populacional deste município era de 10472 pessoas<sup>(9)</sup>. Possui 30 estabelecimentos de saúde, dentre eles, hospital, Unidade Básica de Saúde (UBS), clínicas de fisioterapia, farmácias, clínicas odontológicas, laboratórios de análises clínicas e postos de coleta laboratorial. Os estabelecimentos escolhidos para a realização da pesquisa foram o hospital privado e a UBS.

A prefeitura municipal possui 475 servidores efetivos, sendo 67 servidores da área da saúde.

O hospital privado do município possui 30 funcionários efetivos dentre eles, cozinheiras, técnicos de enfermagem, enfermeiros, farmacêutica, técnica de farmácia, recepcionistas, médicos, camareiras, indivíduos responsáveis pelos serviços gerais e pelo serviço administrativo. O atendimento é realizado durante as 24 horas do dia, atende sob regime particular, convênios e público – SUS. Possui 50 leitos, pronto-socorro e centro-cirúrgico com realização de 270 cirurgias mensais em adultos e crianças.

Para o presente estudo, foram considerados técnicos de enfermagem e enfermeiros atuantes em cada estabelecimento de saúde, totalizando 20 profissionais da enfermagem do hospital privado (11 enfermeiros e 9 técnicos de enfermagem) e 30 profissionais da Unidade Básica de Saúde (9 enfermeiros e 21 técnicos de enfermagem).

As informações foram coletadas em forma de questionário pré-elaborado, onde cada profissional respondeu individualmente conforme orientações repassadas pelos pesquisadores antes do preenchimento. As seguintes variáveis de interesse foram coletadas: iniciais do nome, idade, sexo, estado civil, jornada de trabalho, frequência da automedicação, medicamentos utilizados, comparação entre os profissionais quanto à prescrição de medicamentos e automedicação, a prática de se automedicar no horário de trabalho, qual fator o levou a se automedicar e principais sintomas para realizar tal prática.

Os dados coletados foram tabulados no software *Microsoft Office Excel*® 2019 e para a análise de dados e estudo sobre a associação entre as variáveis, foi adotado o teste Qui-quadrado ( $X^2$ ) ao nível de significância de 95%.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, parecer número 3.435.056 de 3 de julho de 2019 (CAAE: 15762919.8.0000.5219). De acordo com os princípios éticos em pesquisa com seres

humanos, foram tomadas precauções para que a confidencialidade e a privacidade dos sujeitos envolvidos no estudo fossem preservadas. Todos os participantes concordaram em participar e assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação é uma prática comum entre vários profissionais da área da saúde, mas o principal foco neste estudo foram os profissionais de enfermagem (enfermeiros e técnicos de enfermagem), os quais possuem conhecimentos farmacológicos importantes e manuseiam diariamente diversos medicamentos.

No presente estudo, observou-se que os profissionais atuantes são em sua maioria do sexo feminino, o que correspondeu a 93% no estabelecimento público (28 pessoas) e 80% no estabelecimento privado (16 pessoas), como definido na Tabela 1, e isso foi confirmado pelo teste estatístico ( $p=0,013$ ). Isso coincide com resultados de outros estudos<sup>(3)</sup>. Esses resultados demonstram intensa feminização, similar àquela que ocorre em todo âmbito da saúde e essa tendência é marcada em algumas das profissões como enfermagem e enfermagem obstétrica. Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (2015), a equipe de enfermagem é predominante feminina, porém registra-se a presença de 15% dos homens<sup>(10)</sup>.

Em relação à idade, verificou-se que a maioria dos participantes possuía entre 31 e 40 anos, o que correspondeu a 46% da população de estudo. Além disso, 24% pertenciam a faixa mais jovem, isto é, tinham entre 20 a 30 anos, enquanto que 30% possuía 41 anos ou mais. Estes dados são semelhantes aos descritos no estudo de Carrilho et al (2013)<sup>(11)</sup>, que demonstraram que entre 1194 profissionais da saúde (enfermeiros e auxiliares de enfermagem) de um Hospital Universitário que responderam a questionários aplicados, 66,7% possuíam idade entre 31 a 50 anos, 15% possuíam entre 20 a 30 anos e 18,5%, apresentavam mais de 50 anos. No estabelecimento público, a maioria estatisticamente significativa possuía idade entre 31 e 40 anos ( $p=0,005$ ). A maioria dos profissionais do serviço público eram casados quando comparados ao serviço privado. Já no serviço privado, quando comparado ao público uma parcela importante da população era divorciado ( $p<0,001$ ).

Quanto à categoria profissional, verificou-se que para o setor público um número estatisticamente significativo maior de técnicos de enfermagem (70%), já no setor privado, verificou-se um maior número de enfermeiros (55%) ( $p<0,001$ ). Com relação ao período

de trabalho, foi verificado que os profissionais que trabalham 40 horas semanais são em maior quantidade (50%) para o estabelecimento público, enquanto no estabelecimento privado, tanto os profissionais que trabalham 40 horas semanais e os que realizam plantão diurno 12/36 horas apresentaram-se em mesma quantidade, isto é, 7 indivíduos, o que correspondeu a 35%; no entanto, essas diferenças não foram significativas ( $p=0,071$ ).

Tabela 1. Características gerais dos profissionais (enfermeiros e técnicos de enfermagem) atuantes nos estabelecimentos em estudo, Nova Aurora – PR

Características	Público n (%)	Privado n (%)	Valor p
Sexo			
Feminino	28 (93)	16 (80)	0,013
Masculino	2 (7)	4 (20)	
Idade (anos)			
≤ 20	2 (7)	0 (0)	0,005
21-30	6 (20)	4 (20)	
31-40	15 (50)	8 (40)	
≥ 41	7 (23)	8 (40)	
Situação conjugal			
Casado	21 (70)	11 (55)	<0,001
Solteiro	9 (30)	5 (25)	
Divorciado	0 (0)	4 (20)	
Categoria profissional			
Enfermeiro	9 (30)	11 (55)	<0,001
Técnico	21 (70)	9 (45)	
Horário de trabalho			
Plantão diurno 12/36 h	6 (20)	7 (35)	0,071
Plantão noturno 12/36h	5 (17)	3 (15)	
Plantão diurno 6 h	4 (13)	3 (15)	
Plantão noturno 6 h	0 (0)	0 (0)	
Plantão 40 h/semanais	15 (50)	7 (35)	

Estes resultados são semelhantes ao estudo de Muniz et al (2005)<sup>(7)</sup>, os quais encontraram que a jornada de trabalho de 160 profissionais da enfermagem da rede hospitalar de Rio Branco - Acre foi na faixa de 30 a 40 horas semanais (44%). Apesar da luta da categoria para diminuição da carga horária de trabalho, para que se torne menos agressiva, ainda, a maioria dos profissionais continua exercendo carga horária de 40 horas semanais.

Quando questionados sobre o uso de medicamentos, os profissionais apresentaram respostas diferentes e estas estão compiladas em Figura 1. Verificou-se que a prática de automedicação é maior, isto é, 75% em enfermeiros quando comparados aos técnicos de enfermagem (60%). Verificou-se também que tanto enfermeiros quanto técnicos de enfermagem costumam realizar a prática

de automedicação mais comumente do que utilizar a prescrição médica. ( $p=0,034$ ). Essa proporção foi superior àquela identificada em um estudo de Tomasi et al (2007) entre enfermeiros da rede básica de Pelotas – Rio Grande do Sul, o qual demonstrou 32,4% de automedicação entre os mesmos <sup>(12)</sup>.

Estudos associados à automedicação defendem que o conhecimento está ligado à formação acadêmica, ou seja, quanto maior o grau de estudo, maior é a prática de se automedicar pelo conhecimento sobre os fármacos. Observou-se que tal prática está presente na rotina dos profissionais da enfermagem, podendo comprometer a saúde e possibilitar o agravamento de problemas, além do mascaramento da doença. A automedicação é considerada parte da cultura da sociedade, o conhecimento acumulado possibilita a autoconfiança e segurança à prática <sup>(13)</sup>.

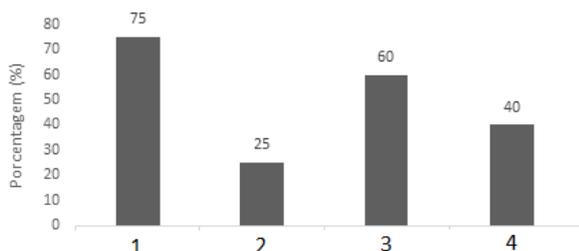


Figura 1. Uso de medicamentos por prescrição médica e automedicação entre: 1 - Enfermeiros / Automedicação, 2 - Enfermeiros / Prescrição, 3 - Técnicos / Automedicação, 4 - Técnicos / Prescrição, Nova Aurora – PR. Valor de  $p = 0,034$

Dentre os profissionais de saúde que praticam automedicação, 66% mencionaram adquirir medicamentos sem receita médica e se automedicar durante o horário de trabalho. Observou-se que o analgésico foi a classe medicamentosa mais utilizada, correspondendo a 58,72% dos casos (37), sendo a dipirona a mais consumida, 34,92% (22) dos casos; seguido dos anti-inflamatórios não esteroidais, em 31,74% (20) dos casos, conforme definido na Tabela 2.

Estudo realizado por Barros (2009) <sup>(8)</sup> identificou os analgésicos como os mais utilizados (43,4%) e para Pissara (2007) as categorias mais consumidas pelos profissionais da enfermagem foram analgésicos (20,7%) e anti-inflamatórios (17,5%) <sup>(14)</sup>. Estudo de Muniz (2005) relata que o analgésico é a classe mais utilizada (53,6%) e ressalta que essa prática acontece pela falta de serviço de atenção à saúde do servidor em unidades de trabalho <sup>(7)</sup>. Diante destes dados, não devemos desconsiderar que o autocuidado pode ocasionar consequências sérias à saúde como riscos de interações medicamentosas e ocorrência de

retardo do diagnóstico pelo mascaramento dos sintomas e reações adversas. Em seu dia a dia esses profissionais são expostos ao estresse, jornada de trabalho de longa duração, desordem física e psíquica; sendo, deste modo, o que classifica os mesmos como grupo de risco devido aos fatores mencionados <sup>(15)</sup>.

Tabela 2. Frequência dos fármacos consumidos por automedicação entre os trabalhadores de enfermagem, Nova Aurora - PR

Medicamentos	Absoluto (relativo)	Valor p
Dipirona	22 (34,9)	0,001
Paracetamol	15 (23,8)	
Ibuprofeno	13 (20,6)	
Nimesulida	7 (11,1)	
Omeprazol	5 (7,9)	
Buscopan	1 (1,6)	

O uso excessivo de analgésicos pode resultar em más condições de trabalho, levando a fadiga e a uso de medicamentos pelo alto distúrbio musculoesquelético já descrito entre trabalhadores da enfermagem <sup>(8)</sup>.

Segundo Pissara (2007), as categorias profissionais com maior índice de automedicação foram os enfermeiros e dentistas (32%). A enfermagem tem sido alvo de estudo pelo estresse impactante no trabalho, apresentando maiores riscos de automedicação <sup>(14)</sup>. Essa profissão expõe seus trabalhadores a vários problemas. O número ineficaz de funcionários no setor pode ser um dos desencadeadores de problemas, sendo que os afazeres são maiores se o número de trabalhadores é menor <sup>(16)</sup>.

Outros fatores que precedem a automedicação são relatos de pequenas gravidades como dor de cabeça, em 36% (21) dos casos no setor público e 45% (14) dos casos para o setor privado, seguida de dor muscular em 21% (12) dos casos no setor público e 23% (7) dos casos para o setor privado, conforme citado na Tabela 3. Os estudos de Muniz (2005), Barros (2009) e Pissara (2017) mostram que os medicamentos mais utilizados em suas pesquisas foram aqueles para dores de cabeça, dores musculares, cansaço/estresse, como sendo os mais representativos <sup>(7,8,14)</sup>.

Em relação à jornada de trabalho, o estudo demonstra que os profissionais da enfermagem possuem dupla jornada de trabalho ou realizam atividades domésticas e cuidam dos filhos, ou seja, 8 (27%) do setor público possui dois empregos e 7 (35%) do setor privado, além disso, 16 (53%) do setor público e 11 (55%) no setor privado realizam atividades domésticas após jornada de trabalho. Quando comparado com o estudo de Barros (2008), realizado em um Hospital Universitário de Ribeirão Preto - São

Paulo, 65% dos profissionais dedicaram mais de 50 horas semanais a atividades profissionais e domésticas, o que pode levar a fadiga e estresse sendo um precursor da utilização de analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais (AINE) <sup>(17)</sup>.

Os principais motivos que levaram os profissionais a se automedicar estão descritos na Tabela 3. De acordo com os relatos, para 38% dos profissionais, a prática do dia a dia foi o principal motivo e para 50% a falta de tempo para ir a uma consulta. Estudo de Oliveira (2013) sobre motivos e valores que levam o profissional a se automedicar demonstra que 23,5% realizam a automedicação devido à prática do dia a dia seja no âmbito hospitalar ou aquisição direta na farmácia e 17,6% corresponde a falta de tempo para procurar a profissional adequado e destacam que trabalhar na enfermagem influencia a automedicação <sup>(18)</sup>.

Tabela 3. Características que podem estar relacionadas à automedicação entre profissionais da enfermagem de estabelecimentos de saúde, Nova Aurora – PR

Características	Público n (%)	Privado n (%)
<b>Dupla Jornada</b>		
Sim. Possuo dois empregos	8 (27)	7 (35) *
Não. Mas realizo AD	16 (53)	11 (55)
Sim. E realizo AD	6 (20)	2 (10)
<b>Fator para a automedicação</b>		
Prática do dia-a-dia	9 (30)	10 (50) *
Tempo para ir na consulta	17 (57)	8 (40)
Não respondeu	4 (13)	2 (10)
<b>Automedicação no trabalho</b>		
Sim, várias vezes	6 (20)	7 (35) *
Sim, às vezes	13(43)	8 (40)
Não respondeu	11(37)	5 (25)
<b>Sintomas da automedicação</b>		
Dor de cabeça	21 (36)	14 (45) *
Dor muscular	12 (21)	7 (23)
Dores nas costas	7 (12)	6 (19)
Febre	3 (5)	0 (0)
Gripe/resfriado	8 (14)	1 (3)
Dor de garganta	7 (12)	3 (10)

AD – atividades diárias; \* Diferença estatística,  $p < 0,05$ .

Segundo Ribeiro et al (2018), mesmo diante das circunstâncias como falta de tempo, ainda existem diversos indivíduos que encontram dificuldade de acesso à saúde e muitos desses profissionais preferem acreditar em seu conhecimento obtido durante a graduação e sua influência de se automedicar, sendo que procuram soluções imediatas para alívio de sintomas de dores, sem prejudicar o ritmo da jornada de trabalho <sup>(16)</sup>.

O presente estudo possui algumas limitações, como foi utilizado para o estudo apenas um estabelecimento público e um privado, os achados podem não ser representativos da realidade deste tipo de estabelecimentos em outros municípios. Além disso, o número de profissionais que participaram da pesquisa não foi grande, o que também pode ter levado ao um viés nos resultados obtidos. Contudo, consideramos que o trabalho seja de grande importância, visto que a prática da automedicação foi constatada e pode ser perigosa mesmo em profissionais que detenham o conhecimento sobre os medicamentos.

## CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que a automedicação é uma prática comum entre profissionais de enfermagem, sendo realizado por um número significativamente maior de enfermeiros quando comparados aos técnicos de enfermagem. Acredita-se que essa prática seja muito comum, principalmente devido ao fácil acesso aos medicamentos. Verificou-se também que a classe medicamentosa mais utilizada foi a dos analgésicos, sendo a Dipirona a utilizada por um número estatisticamente maior de pessoas. Embora a utilização de medicamentos sem prescrição possa parecer inofensivo, é necessária muita cautela, pois pode levar a intoxicações e interações com outros medicamentos, além de mascarar doenças que necessitam de diagnóstico e tratamento específico.

## REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. The role of the pharmacist in self-care and self-medication [Internet]. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 1998. Acesso em 13/03/2020. Disponível em: <http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/whozip32e/whozip32e.pdf>.
2. Gama ASM, Secoli SR. Automedicação em estudantes da enfermagem do estado do Amazonas-Brasil. Rev Gaúcha Enferm. 2017;38(1):e65111.
3. Furtado CF. A informação é o melhor remédio: riscos da automedicação – Universidade Federal do Paraná – Colombo-2013.
4. Schweim H, Ullmann M. Media influence on risk competence in self-medication and self-treatment. Ger Med Sci..13:1-14; 2015.

5. Matos FI, Pena DAC, Parreira MP, Santos CT, Vital CW. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. Cad. Saúde Colet; 26(1): 76-83; 2018.
6. Galvan MT, Dal Pai D, Echevarria-Guanilo ME. Automedicação entre profissionais da saúde. Revista mineira de enfermagem. Rev Min Enferm. 20: e959; 2016.
7. Muniz PT, Maia LMA, Lima MP, Lopes CM, Miranda G. Adoecimento dos Enfermeiros da Rede Hospitalar do Rio Branco-ACRE-Brasil. Online Brazilian Journal of Nursing. 4(1): 32-41; 2005.
8. Barros ALR, Griep RH, Rotemberg L. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos. Rev Latino Am Enfermagem. 17(6); 2009.
9. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). Brasil. Panorama. Available from: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em 28 de novembro 2019.
10. Conselho Federal de Enfermagem COFEM. Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem 06/05/2015. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem\\_31258.html](http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html). Acessado em: 27 setembro 2019.
11. Carrilo C, Solano CM, Martinez EM, Gomes CJ. Influencia del género y edad: satisfacción laboral de profesionales sanitários Rev. Latino Am Enfermagem 21(6); 2013.
12. Tomasi E, Sant'Anna CG, Oppelt AM, Petrini RM, Pereira IV, Sassi BT. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. Rev Brasil. Epidemiologia. 10 (1):66-74; 2007.
13. Santos SRB. Sentidos da automedicação para enfermeiras de hospital público de Niterói, Rio de Janeiro. 99F: 22ed -610-.73; 2011.
14. Pissara I, Gallardo E, Rosado T. Prevalência da automedicação em profissionais da saúde. Revista de ciências da saúde da ESSCVP. 2017: 9.
15. Baggio MA, Formaggio FM. Automedicação: Desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem – Rev. Enf. UERJ. 17(2):224-8; 2009..
16. Ribeiro LS, Oliveira CB, Spolidoro FV. Automedicação entre estudantes e profissionais da enfermagem. Revista enfermagem em evidência. 2(1): 15-27; 2018.
17. Barros ARR. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos no Rio de Janeiro – Universidade do Rio de Janeiro, 2008.
18. Oliveira AFC. Estratégia de comunicação sobre automedicação em trabalhadores da enfermagem em terapia intensiva oncológica. Universidade federal Fluminense. 2013